

Natal

UM Menino nasceu para nós!
Um Menino que é Deus e Homem!

Por amor dos homens, Deus não tem meias medidas.

É o Seu Filho único, que assumindo a natureza humana se faz uma criança frágil como todos os meninos.

Não admira que o radical Francisco de Assis fosse tão atraído por este mistério, e se encantasse de tal maneira que o quisesse reproduzir na beleza natural de um presépio.

A lição que emanava do quadro vivo resumia toda a sua conversão necessariamente empolgante, crescente e diminuidora da própria vida e pregação.

A pobreza, a simplicidade e a verdade que é a pessoa do Poverello de Assis tem neste Menino, assim nascido, toda a sua inspiração.

A capacidade de discernimento que não o deixará nunca misturar fé com cultura, negócio, política ou conveniência vai, ali, beber toda a luz!

Também os nossos meninos, desprovidos de tudo, renovam em nossos corações os fulgores do Natal, fazendo crescer, em cada um dos que os servem, razões de pureza, despreendimento e entrega.

A pobreza de Jesus, exaltada nos condicionalismos do Seu nascimento,



é o resumo de todo o Evangelho. Começa, logo, ali, a renovadora obra e pregação.

Muitos nos julgam como uma Obra de assistência. Estão enganados. Nunca o Padre Américo foi um assistente social nem nenhum dos seus seguidores o pretende ser.

Um pregador forte da Palavra Divina, sim. Um experiente da fé, também. Investigador contínuo e crescente dos dons de Deus, igualmente. Tudo isto feito com os pobres, os rapazes e os doentes abandonados em confiança absoluta e exclusiva da Força da Fé, com os olhos postos em Belém.

Ali está tudo!...
Nas Casas do Gaiato é sempre Natal. A rejeição dos testamentos em favor da Obra, das festas de caridade, dos chás e de outras manobras que o mundo utiliza para arranjar dinheiro sem brotar do coração e da dor dos outros, sem o arrependimento e emenda de vidas fúteis; nascem do Presépio.

A pobreza, por devoção, sem votos, que nos obriga a uma vida austera e a uma comunhão contínua com os Pobres, sem disfarces, brota do Presépio.

O convite feito aos homens e mulheres para que conosco venham ganhar a vida, perdendo-a *nos meninos que nasceram para nós*, em doação inteira, ao longo dos anos até ao desgaste completo, procede do Presépio.

Jamais alguém será tão radical em sua opção pelos homens, como Deus conosco, neste mistério humano e divino.

Enquanto os poderes do mundo urdem habilidades até à exaustão para destruir o homem, em escolhas cada vez mais subtis, a todos os níveis; a preferência dos cristãos não pode ser outra senão aquela que o Natal inspira: — doação completa, pobreza, confiança, humildade, sofrimento e alegria.

Padre Acílio

ENCONTROS EM LISBOA

«Não havia lugar para eles»

NESTE tempo de preparação para o Natal, bate-me com alguma frequência no pensamento a frase sobre o nascimento de Jesus: «Não havia lugar para eles na estalagem». Entretanto surge o Relatório das Nações Unidas falando nos milhões de pessoas que vivem apenas com dois euros e fala de um fosso cada vez maior entre os povos ricos e pobres.

Tudo isto nos vai alertando para um mundo desigual e não solidário, propício ao rebentamento de conflitos nascidos da injustiça que se cria, se propaga e se aumenta.

Olhando para o meu pequeno mundo, às vezes, deduz-se o que se passa em larga escala. Há dias surpreendi uma conversa entre os mais velhos. Tratava-se da compra de casa. Havia como que um lamento, mas ao mesmo tempo uma revolta íntima porque uns tiveram a possibilidade de usufruir desse bem mas outros não têm tal possibilidade, neste momento, e perguntavam-se que mal fizeram.

Noutros aspectos da vida dos meus miúdos se têm sentido revoltas como no caso dos cursos profissionais que deveriam ter começado e não começaram e se perguntam que fazer agora quando tanto esforço fizeram para poderem entrar.

Continua na página 3

SETÚBAL

Entramos em Advento

UM tempo favorável a criarmos condições para acolhermos a Harmonia, uma das promessas de Deus para o homem pecador — criador de desarmonias.

Perante o descrédito dos valores em que assenta a nossa sociedade — o poder do dinheiro — abre-se de novo a porta da única riqueza autêntica: Deus Menino que oferece ao Homem a participação na Sua vida. Riqueza que se alcança na pobreza rica de todos os bens — dons de Deus.

Despidos da luxúria que inunda os nossos dias, visitamos do Advento que nos fala da nudez imaculada do Menino no Presépio, do Senhor que nos fala e ali-

menta ao longo dos nossos dias, e do Rei que virá julgar e separar o trigo do joio, queimando este no fogo e guardando aquele no Seu celeiro.

Sempre o homem sai descreditado quando deposita a confiança em si mesmo. Quando confia no seu saber e nos frutos do seu trabalho. Quando julga ter em si todos os meios para espalhar a vida à sua volta. Não é que não o pudesse fazer, mas teria que estar ligado à fonte da Vida que não é ele.

O Advento orienta-nos para o Outro, não como objecto manipulável, mas como presença do sagrado, que havemos de alcançar servindo-O. Nestes dias em que

o ser humano pobre é usado como simples objecto, o Advento vem rasgar o véu que turva os olhares e mostrar a nudez da realidade humana — são todos irmãos!

Da injustiça pode nascer o ódio; da exploração pode surgir a vingança. O Advento é sopro que pode atizar a paz e revelar as realidades escondidas pelos actos humanos iníquos: justiça e fraternidade são os modos de ser de vida humana.

A toda a dor, sofrimento e fome, o Advento vem apontar caminhos de partilha: chorar com os que choram, morrer com os que morrem, para alcançar a vida. A partilha de bens é antes de tudo, um meio de purificação para se poder fazer comunhão.



Setúbal — Um aspecto dos rapazes no refeitório da casa de férias da Arrábida.

O Advento é, pois, tempo de purificação por excelência. A que assistimos nós? Faz-se dele um tempo de comércio que perturba o ambiente de quietude necessário para se purificar a alma.

Na harmonia que o Advento nos promete, cabem todas as diferenças em que ninguém sente a desigualdade real; o menino e a serpente, o leão e o novilho, o lobo e o cordeiro convivem em paz e cada um

tem o que lhe pertence. O Outro é sempre intocável, sagrado.

Só poderá haver humanidade quando o Advento realizar ou terminar a sua missão.

Padre Júlio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

VISITADOR DO POBRE — «Quantas atenuantes para as faltas dos Pobres, e quantas agravantes para as nossas!»

Desde crianças ensinaram-nos a conhecer a Deus, a temê-lo e amá-lo. Educaram as nossas faculdades, desenvolveram os bons instintos e comprimiram os maus. Possuímos uma noção exacta do que é justo e injusto: a nossos olhos o vício aparece em toda a hediondez, e a virtude em toda a sua beleza. Como desce-mos tanto, se tudo procura elevar-nos? Como sucumbimos tantas vezes, se vamos para a luta armados com tantas condições de vitória? Diante do tribunal da justiça divina a nossa causa será bem mais difícil de advogar do que a *dessa gente* objecto da nossa caridade, tantas vezes desdenhosa.

Reflectamos que a prosperidade facilmente se converte em orgulho cego; que, nós tão cuidadosos em averiguar se merecemos a nossa desdita, aceitamos a prosperidade como se nos fosse devida. Para penetrar na casa do Pobre com humildade de coração e inteligência, examinemos se, em seu lugar, procederíamos melhor; à vista das suas faltas; vícios; crimes, talvez, façamos esta pergunta a nós mesmos: — Seriam os Pobres o que são, se nós fôssemos o que devíamos ser?»

(Um naco do livro «O Visitador do Pobre»)

PARTILHA — «Em nome de minha mãe, assinante 10442, do Porto, envio cinquenta euros para os vossos Pobres» — disse.

Mais vinte e cinco euros da assinante 20332, de Redondo — Alto Alentejo «em reparação dos meus pecados». Idem, da assinante 25775, de Vila Nova de Famalicão.

Assinante 49610, de Leiria, 125 euros, pequena «partilha para a vossa Conferência vicentina, para os Pobres mais carenciados. E que Deus vos ajude».

Um cheque de setenta euros do assinante 11171, do Porto.

Outros cheque, da assinante 14493, também do Porto, desejando boa saúde.

M. Azevedo, de Portimão, duzentos euros. «Há muito tempo que não vos escrevo, nem mando contribuição para os vossos Pobres. Aqui vai algo para eles com muito apreço e amizade. Jesus abençõe o vosso trabalho e dedicação. Um abraço muito grande, muito amigo, e um santo Natal».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VACARIA — O aumento do silo contribuiu para que as nossas vacas dessem mais leite. Agora, podemos deliciar-nos com o nosso leite ao pequeno-almoço.

HORTA — Os nossos legumes têm crescido naturalmente, e é devido à chuva, que tem dado uma grande ajuda. A seu tempo, serão deliciosos para as nossas refeições.

EXCURSÕES — Ultimamente recebemos várias. De muitos pontos do País. Nós gostamos muito de conviver com quem nos visita. Esperamos que os nossos visitantes tenham gostado de estar conosco, e de ter conhecido um pouco melhor a nossa Obra.

NATAL — Estão a ser feitos os preparativos para a nossa festa de Natal. Estamos a fazê-lo com o máximo de cuidado para que tudo corra bem.

Ilídio Polónia



Diogo, filho da Marta e do Armelino e neto do «Peniche».

DESPORTO — No dia 17, de manhã, os Seniores jogaram com o G. D. C. de Gondomar. Jogo agradável de assistir, com alguns golos a contracena, fazendo «jus» a jogadas bem estudadas e executadas quase na perfeição. Apesar de toda a equipa estar a atravessar um bom momento, há que salientar: «Mancha» na baliza, Américo e «Pião» na linha da frente. Se considerarmos que este último esteve bem, o elo mais forte foi indiscutivelmente o Américo. Há dois jogos que este não calcava a «relva»... quando vai marcar os cantos, falta saber se por indisponibilidade se por opção do treinador. No entanto, voltou cheio de força e de vontade de recuperar a titularidade, dando assim o seu contributo à

equipa. O resultado final, fixou-se num confortável 6-3.

No que diz respeito aos golos, apenas quero destacar dois: um do Américo a passe do Ilídio e outro do «Turbinas», que podemos considerar um golo de «raiva», pela facto de tantas oportunidades ter e não as concretizar.

No mesmo dia, mas da parte de tarde, jogaram os Iniciados com o Sport Clube de Mirandela. Se o jogo da manhã foi bom, este superou todas as expectativas. Os rapazes de Mirandela vinham na disposição de nos fazer uma surpresa, no que diz respeito ao resultado, mas, mais uma vez, os nossos pequenos grandes atletas, foram fortes e determinados. Taticamente estiveram bem, estrategicamente estiveram melhor!

Meira, o guarda-redes do momento, sofreu o primeiro golo infantilmente, é verdade, mas como nem só de «frangos» se vive no mundo do futebol, encheu-se de coragem... estando bem todo o resto do desafio, fazendo algumas defesas de bom nível.

Estivemos a perder por 2-3, o que não impediu que o resultado final ficasse a nosso favor. Com golos de «Doutor» (2), Rogério (1), Abílio (1) e «Patrick» que saltou do banco, para marcar o seu segundo «tento» da época. Um golo de cabeça, bonito e simples como ele.

No final do jogo estivemos a conversar com o senhor Rochinha, treinador do clube transmontano que nos fez o convite, para nos deslocarmos a Mirandela, no fim-de-semana de 8 de Junho. Tal como já aconteceu à dois anos em Vizela, quer que façamos parte integrante da festa de aniversário do Sport Clube de Mirandela. Ora digam lá, se isto não é agradável?! Mirandela é uma terra linda que alguns dos nossos rapazes, vão gostar de visitar pela primeira vez.

No dia 23, mesmo debaixo de chuva, foi a vez dos Senio-

res receberam um clube de Lordelo a quem ganharam por um expressivo 8-1.

Alberto («Resende»)

BENGUELA

ESCOLA — Terminaram as aulas e já saíram os resultados finais. Alguns estão aptos, mas outros não, isto é mesmo assim. Oxalá no próximo ano façam mais esforço, para terem a mesma felicidade.

FÉRIAS — Com o fim das aulas começaram as férias e nós estamos a gozá-las muito bem, pois é uma forma de descansarmos um pouco das actividades estudantis. É muito bom estar em férias. Um dos passatempos preferidos pela malta cá de Casa neste tempo de férias é ir à praia. Outro, é a prática de desportos.

BANANA — Fez-se a plantação da banana, cá, em nossa Casa. Esta plantação fazia-se mais na quinta do «Porto», mas sucede que lá não se desenvolvia muito bem e, por isso, optou-se em fazer uma experiência aqui, e ela já está a crescer bem. Esperamos que venha a dar boas bananas.

BATATA — Este ano não se fez como de costume a plantação de batata *reina*, mas para compensar fez-se a plantação da batata-doce. Esta batata quando estiver pronta para ser colhida poderá servir para a nossa alimentação e poderá fornecer semente para outras ocasiões. Por isso é bem que ela se desenvolva bem e dê boa colheita.

MANGAS — As mangas já cresceram e amadureceram. Elas constituem motivo de alegria para alguns, como é o caso dos rapazes. E, também, motivo de tristeza para outros, como é o caso do nosso Padre Manuel António e dos chefes que têm de andar atrás das pessoas para irem trabalhar ou para chegarem a horas nas actividades que lhes cabem. As mangas são fruta boa, como tantas outras, e fazem bem à saúde. E como tal devem ser motivo de alegria para todos. Só devemos ir às mangueiras quando cumprimos a nossa obrigação e não deixar as nossas tarefas só por causa das mangas.

DESPORTO — Os nossos atletas aproveitaram as férias para realizar a sua festa. Assim, num domingo, lá fomos à praia, local escolhido para a celebração da festa. Foi muito linda e cheia de animação. Além de atletas, os nossos rapazes, também são bons animadores. Foi pena não participarem todos. Não podiam porque a nossa Casa ficaria vazia. Mas todos estavam presentes espiritualmente. Talvez o próximo campeonato esteja na nossa mão, a alegria será maior!

M. S. A.

SETÚBAL

FÁTIMA — Um grupo de vinte e cinco rapazes foi lá na Peregrinação Diocesana de Setúbal. No nosso autocarro ia um grupo de senhoras da paróquia que foram muito simpáticas conosco, e o pároco de São José, senhor Padre Ramalho, que nos acolheu muito bem. No Santuário tivemos tempos de oração. Gostei de conhecer Fátima e de ter visitado o túmulo do Francisco e da Jacinta. Sensibilizou-me muito uma pobre que encontramos com os filhos a chorar, com quem partilhámos a merenda.

ENSINO RECORRENTE — As aulas estão a correr bem. Os nossos professores estão-nos a ajudar nas dificuldades, principalmente em inglês e matemática. Somos um grupo de treze rapazes interessados em ter um bom aproveitamento, para termos um futuro melhor.

FUGITIVO — O Carlos, que andava satisfeito cá em Casa, resolveu fazer uma aposta com outro rapaz em como ia fugir. No fim das aulas da Primária, meteu-se a caminho e foi ter com a avó.

ARRÁBIDA — O tio Zé, o «Monchique» e o «Alentejano», estiveram a preparar as instalações para montarmos uma caldeira de aquecimento de água. Nesta época de Inverno, a água quente não chegava para as necessidades.

REGA — Uma equipa de rapazes da serralharia e do campo, com os seus mestres, estiveram a montar uma nova tubagem para a rega do milho. Graças a Deus os nossos terrenos têm muito água, que é indispensável no Verão para a agricultura.

Natal

Natal é noite de paz

O céu mostra-se claro

[como a luz;

Natal é enxugar as lágrimas

[de uma criança

Estender a mão a um pobre

[que passa.

Natal é amar num sorriso

[de alegria e beleza

E cada um de nós apenas pense

No Menino que nos trouxe

[o Seu amor;

Tire o bem do seu coração

E ofereça sem cobrar

[a quem tem fome;

Em troca receberá

[o amor de Jesus.

Zeca



Malanje — «Os meninos que nasceram para nós.»

Encontros em Lisboa

Continuação da página 1

Num mundo tão pequeno como o meu, mas que é o mundo dos Pobres, nota-se o crescimento dessa pobreza de que fala o Relatório da ONU. Muitas vezes não se sabe porquê, sente-se apenas que o levantar da cabeça para a integração social fica como que impedido por algo que cai em cima, dada a dificuldade de leitura das decisões que se tomam. Pode-se atribuir à pouca sorte ou, então, mais uma vez cai sobre os Pobres a sua pouca auto-estima: não valemos...

Ao caminharmos para o Natal, sejamos capazes de olhar para o Menino, centro da Humanidade e que os Pobres se possam sentar à mesa da riqueza criada e distribuída de modo que não continue a frase: «Não havia lugar para eles».

Padre Manuel Cristóvão

Administração, portadora de uma deficiência físico-motora que lhe confere um estatuto de invalidez de 80%, mas que possui uma sensibilidade única. É inteligente e muito meiga. No dia em que chega O GAIATO, não descansa enquanto o não ler por completo. Já disse, muitas vezes, que está ansiosa por começar a trabalhar para também contribuir para a Obra da Rua, que tanto admira.

Queria saber, se possível, como adquirir as obras de Pai Américo, pois gostaria de oferecê-las a minha irmã.

Envio pequeno contributo para aplicarem onde melhor entenderem. 'A Obra da Rua não é somente dos Pobres...'

Assinante 68573

Correspondência dos Leitores

Construção da minha casa

«Peço desculpa por o não fazer há mais tempo, mas o tempo não estica e, quando se têm muitas tarefas para desenvolver, nem sempre é fácil arranjar um bocadinho para vos saudar. Mas confesso que para ler O GAIATO arranjo sempre um tempinho. Continuo a encontrar no Jornal e nos testemu-

nhos dos vossos gaiatos um enorme enriquecimento interior. Às vezes, são as coisas mais banais que muito nos ensinam. Como continuo na construção da minha casa o dinheiro, que vou ganhando no meu trabalho, é todo para lá canalizado sendo, mesmo assim, muito pouco para tanta despesa.

Tenho uma irmã com 23 anos, recentemente licenciada em Contabilidade e

Nunca esmoreçam!

«Aprecio imenso a Obra da Rua e o trabalho que realizam. É formidável como Deus criou 'Padres Américos' para darem continuação a uma Obra social, caritativa e humana com essa grandeza.

Faço votos que nunca esmoreçam. Que nunca vos falte a força de vontade, e o espírito de sacrifício dispensado não acarrete doenças físicas ou psíquicas a todos os envolvidos nessa grandiosa tarefa.

Assinante 24693

DOCTRINA



Palestra aos microfones da Rádio Renascença — Porto

OVINTES da Emissora — comodamente instalados a esta hora à roda dos vossos aparelhos — como não gostaria eu também de escutar, por essa forma e nesse aconchego, qualquer coisa grandiosa, trespassada de humanidade, que falasse tão alto e tão fundo como fala à alma a saudade dos vossos mortos, neste dia de Finados. Sim: escutar algo de construtivo, de real, proferido em palavras que fizessem sangue, por trazerem o sangue dos fracos, dos empobrecidos, dos estropiados, daqueles que outrora procuravam Jesus e a quem Jesus procurava — gostaria de ouvir.

MAS eu não posso escutar-me a mim mesmo; tão pouco tenho aparelho para escutar os outros; nem cuido que haja alguém que venha ao micro trazer notícias e pedir remédio para um mal que passou à classe de incurável, por preguiça de reagir. E, contudo, é necessário que se diga; é preciso que se denuncie. Entre o «tarde» e o «nunca», vamos escolher o primeiro advérbio. Venho denunciar aqui o mal da criança da rua e apontar o remédio que já existe na Casa do Gaiato em Paço de Sousa, abrigo limitado onde muitas dezenas desses seres adoráveis encontraram já a forma do seu pé.

É principalmente para me ajudarem nas despesas astronómicas da construção da Aldeia dos Rapazes que eu lanço hoje pregão. A Obra é conhecida. Centenas de visitantes de todos os pontos do nosso País têm observado o progresso dos edifícios em curso. É uma coisa nova na maneira de construir; aboliu-se o clássico casarão. Aparecem casas apetitosas, sóbrias, elegantes. É uma nova concepção de educar; aboliu-se o velho sistema. Rasgou-se o véu da Cruz.

ELES, os garotos da rua, apresentam-se à nossa portaria e passam imediatamente para a mão do roupeiro que os veste e do chefe de dormitório que lhes indica o leito e do cozinheiro que aumenta a ração e do refeiteiro que lhes marca o lugar. De tal forma o recém-chegado se vê no meio dos da sua igualha que, mui naturalmente, cuida que os orientadores são estranhos à Casa. Não se pode fazer melhor.

ASSIM instalados no que é seu, cada um com obrigação determinada, cresce naturalmente neles o amor ao trabalho e à virtude, a seu tempo. Como poderiam eles encontrar-se ontem, nas ruas, entregues como andavam a si mesmos? E como podem eles hoje perder-se em sua casa, entregues como andam ao trabalho, no calor da lareira e no bafo da mãe?

ELES respiram alegria por todos os poros; uma alegria convicta, sã, comunicativa. Há dias, um grupo deles estava mostrando aos visitantes as suas coisitas mais íntimas, presentes que recebem por acções nobres que praticam. É o seu tesouro. Tiravam de dentro de pequeninas caixas e estendiam sobre a mesa, para que vissem e participassem. Sim; alegria comunicativa.

D. Américo

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Jesus oferece-nos a paz. Não uma paz qualquer, mas a Sua, que é a única verdadeira. Só esta tem o poder de nos tranquilizar o coração, afastar de nós o medo e encher-nos de consolação no meio das lutas quotidianas da vida. A paz é um bem tão grande que todos os homens a desejam e procuram, mas são poucos os que gozam dela, (a Paz) porque muitos pretendem encontrá-la onde ela não existe. Uma grande maioria não faz mais do que pôr obstáculos à verdadeira paz, entregando-se ao orgulho que levanta enormes tempestades no coração, ou desejando loucamente os bens deste mundo que, no dizer de Cristo, são como que espinhos que afogam a semente da paz. São incontáveis os homens que só amam a paz que o mundo oferece. Só a Paz de Cristo que é a verdadeira paz, pode sossegar-nos o espírito. A Paz de Cristo é também oposta à do mundo. A Paz de Cristo é a nossa libertação do pecado, e de tudo quanto conduz ao pecado. É a nossa união com Deus. É o abraço amoroso que Deus nos dá à alma. A Paz de Cristo gera em nós a mútua união com os nossos irmãos.

Estamos a chegar ao Natal. Um tempo de paz entre os homens, quadra linda entre os seres humanos.

Este ano vamos, como sempre, dar a consoada a todos os nossos mais desprotegidos, mas também, como sempre, precisamos dos donativos de todos os que nos têm ajudado ao longo dos anos. Ficamos esperando as vossas ofertas. Desde já agradecemos as ajudas que nos enviarem.

RECEBEMOS — Da amiga Dolores, de Braga, temos recebido os seus donativos.

Judite, agradecemos as suas ofertas.

Recebemos a oferta de Elda e os desejos de bom Natal. Daremos recado para Paço de Sousa e o seu recibo de IRS será enviado.

Emília Silva, também recebemos. De M. M., nossa amiga antiga. Agradecemos muito a todos os amigos que nunca se esquecem de nós.

Que Deus lhes pague e que tenham um Natal cheio de Paz e Amor.

Maria Germana e Augusto

ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Destas vez estamos a utilizar o «nosso Jornal» não só para desejarmos as boas Festas de Natal, mas também para darmos a conhecer um caso de um colega nosso de Associação e antigo gaiato da Casa de Miranda do Corvo, que vive só na sua casa em situação de pobreza.

Trata-se do José da Silva Santos, para quem com ele conviveu, mais conhecido por «Palhacito». Reside em Cadima, no Concelho de Cantanhede, está sempre presente nos nossos Encontros e trata-se de um rapaz sem família conhecida, com algumas dificuldades funcionais e cuja casa está bastante degradada, entrando ali o frio e a chuva, já que as portas e janelas, além do telhado, assim o permitem.

Trabalha num talho um ou dois dias por semana e no restante tempo, ajuda num Centro de Dia ali existente, onde o apoiam no que podem, nomeadamente no tratamento da roupa, comida e alguma limpeza pessoal, já que a referida casa nem possui quarto de banho.

Já pedimos a intervenção possível da Câmara Municipal de Cantanhede, já que pela nossa parte, como somos uma Associação sem recursos monetários, pouco ou nada podemos fazer, apenas procurar que alguém nos ajude a minorar o sofrimento daquele nosso companheiro. Esperamos ainda resposta da Câmara, mas confiamos que alguém que leia este nosso alerta nos possa ajudar a resolver o que nos parece fácil, desde que exista boa vontade e espírito de compreensão. Assim o desejamos e confiamos, pois já temos colegas nossos que se dispõem a arranjar e limpar a casa, logo que para isso haja material disponível e não só, aos fins-de-semana.

Como prometemos no início desta, não queremos deixar terminar o ano sem deixarmos aqui a todos os nossos colegas, suas famílias e Amigos, os nossos desejos de boas Festas de Natal e que o próximo ano de 2003 seja o melhor para todos.

Manuel dos Santos Machado

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE MALANJE

O MUNDO DE PADRE TELMO — Todos sabemos que se retirarmos uma areia que seja da Casa do Gaiato de Malanje a desconsolação e o desgosto vai afectar o nosso Padre Telmo. Desta vez foi ele que desconfortou os rapazes que em Malanje esperavam a sua presença na Festa Natalícia que se aproxima.

Uma doença inesperada comprometeu, com amargura, que este Natal tivesse que ser confinado a Portugal, deixando os seus filhos com a desconsolação de não o ter presente na festa da sua família, a Casa do Gaiato de Malanje.

Rapazes, posso confirmar que o Padre Telmo se encontra com mais saúde e com muitas saudades de todos vós, mas vai ficar mais algum tempo para recuperar da cirurgia que efectuou, graças a Deus, com êxito.

Ao elaborar esta crónica pretendo dizer-vos que nós, antigos gaiatos residentes em Portugal, estamos atentos e só queremos que ele volte para junto de vós. A Obra da Rua, todas as Casas do Gaiato e a sua própria família estão a tratá-lo com o carinho que ele merece.

O VOSSO NATAL — Pai Américo nunca esqueceu a convivência que uma família deve ter e, por isso, outro Padre da Obra vos acompanha com todo o carinho e vigiando o vosso bem-estar.

Mesmo em recuperação, Padre Telmo vai tratar de levar algumas prendas de que tanto necessitais para o vosso dia-a-dia. Não serão prendas para brincar, mas os atributos que tanta falta vos fazem.

Todos os dias nascem milhões de crianças, por isso todos os dias são Natal. O vosso vai ser mais sentido, pela falta presencial de Padre Telmo, mas olhai para as crianças que vagueiam nas ruas de Luanda dormindo nos esgotos, que não têm uma refeição diária e procuram os desperdícios dos ricos, espalhados nas lixeiras da cidade.

Uma boa estrela começou a abrilhantar o céu de Angola que andava bastante nublado e neste Natal vai cintilar com mais alegria, com mais paz para bem de todos os angolanos; que ela irradie para sempre, seja harmoniosa e fraternal para a vossa consoada, mesmo pobre que ela seja.

Esta crónica aparece para atribuir mais comodidade a Padre Telmo na sua recuperação, assim não terá a preocupação de vos informar como e onde se encontra.

Manuel Fernandes

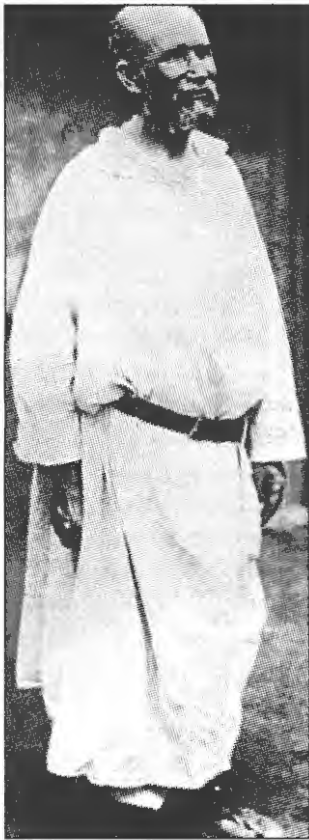
Irmãzinhas de Jesus

CUMPRIRAM-SE, nestes dias, cinquenta anos sobre a chegada delas a Portugal.

O seu barraco na Curraleira, em tudo igual aos outros excepto no asseio e ordem interiores que lhe imprimiam dignidade exemplar e constituíam estímulo no meio da degradação reinante naquele *bairro de latas* — tornou-se um lugar de visitação, um lugar santo aonde o testemunho de Cristo, de tão eloquente, atraía crentes e não crentes.

Foi ali que aportaram. Mas em breve levaram a sua presença a outros pontos do País, sempre em situações em que a miséria campeava e o sofrimento, mesmo que algo merecido, como em prisões, mais fecundamente se tornava redentor pela comunhão nele das Irmãzinhas.

Foi um momento alto que alargou a muita gente o conhecimento do Padre Carlos de Foucauld e da sua espiritualidade de inserção nos povos por



Padre Carlos de Foucauld

cuja salvação se ofereceu e com os quais viveu em total comunhão. Uma figura apaixonante, o Padre Carlos de Jesus, do Qual tomou o apelido e do Qual era sem qualquer reserva! Não me atrevo a esboçar-lhe outro retrato senão este que ele fez de si mesmo ao compor esta oração: «*Meu Pai, Eu me abandono a Ti, faz de mim o que quiseres. O que quer que faças de mim, eu To agradeço. Estou pronto para tudo, aceito tudo, contanto que a Tua Vontade se faça em mim e em tudo o que criaste; nada mais quero, meu Deus. Nas Tuas mãos entrego a minha vida, eu ta dou, meu Deus, com todo o amor do meu coração, porque eu Te amo, e porque é para mim uma necessidade de amor dar-me, entregar-me sem medida nas Tuas mãos, com uma infinita confiança, porque Tu és o meu Pai.*»

Morreu no deserto, às mãos daqueles por quem oferecera a sua vida. Passaram décadas de silêncio que pareceram de esquecimento. Mas ele fizera-se

semente que Deus tomou e fez germinar quando entendeu. Do exemplo da sua vida iluminada pela sabedoria que Deus lhe deu para servir os Pobres na comunhão inteira do seu viver, vieram a nascer várias famílias religiosas, muito próximas umas das outras, só com destinatários e métodos de acção um pouco diferenciados.

Foi com as Irmãzinhas de Jesus que mais de perto convivemos, justamente porque a Curraleira era já nosso campo de acção. Mas um retiro com o Padre Voillaime e os seus escritos deixaram-nos calorosa marca.

Antes de construírem a casinha-albergue em Fátima, concebida um pouco ao sabor das do Património dos Pobres, a Irmã Madalena, fundadora delas, veio a Paço de Sousa e foi ainda Pai Américo quem a recebeu. Depois, durante vários anos em que rapazes nossos chamados ao serviço militar tiveram a devoção de ir a pé a Fátima na peregrinação de Outubro, era nessa casa que encontravam acolhimento fraterno.

Em 1960, em Lourenço Marques, foi na palhota delas em Xipamanine que ocorreu o encontro mais significativo com os «Encanecidos», nome que Pai Américo dava aos seus companheiros de trabalho e de «república» nos tempos em que por lá andou. Alguns deles não eram, ou julgavam-se não ser, homens de fé. Aquela Missa, celebrada num Santuário de silêncio e oração onde a pobreza era a condição comum a todos os que ali viviam, Irmãs incluídas, e o ruído envolvente não perturbava a concentração de cada um, deixou-lhes profunda impressão, por todos confessada na oportunidade de outros encontros que tivemos.

Recordações minhas que junto às delas na

celebração destes cinquenta anos: «*Para nós, é ocasião de fazermos memória da história que nos precedeu e na qual nos foi dado viver, fazendo caminho com todos que a vida nos proporcionou encontrar... Caminho feito de partilha de alegrias e sofrimentos, procuras e esperanças, dificuldades, projectos... Memória de tantos laços de amizade tecidos no dia-a-dia ao longo destes cinquenta anos...*»

Bem-haja a todos quantos entraram na nossa vida com o dom da sua amizade!»

Bem-haja a elas pelo dom das suas vidas e pela coragem na fé com que contemplam o vazio de outras que lhes sigam os passos. Misteriosos são os planos de Deus! Nós não acreditamos que Ele não continue a chamar. Mas o Mundo e os estilos de vida que neste meio século lograram impor-se, cegam e ensurdecem para a «Voz que chama no deserto» sem resposta ao apelo à «preparação dos caminhos do Senhor, ao endireitar das Suas veredas». Choca que, numa «Igreja Serva e Pobre», que declara a Sua «opção preferencial pelos Pobres», rareiem as vocações de serviço, sobretudo as do serviço dos mais pobres — e é ver semelhante vazio entre nós, como nas Criaditas dos Pobres, nas Irmãzinhas dos Pobres, nas Irmãzinhas da Assunção... para falar daquelas a quem mais proximamente estamos ligados!

Quem dera que a prenda de Natal do nosso Deus, fosse pegar em tantas sementes que andariam por aí escondidas, mas não mortas; e tal como fez a Carlos de Foucauld, as fizesse germinar e abundar em frutos capazes de um Mundo melhor: mais justo, mais pacífico, mais fraterno!

Padre Carlos

CALVÁRIO

O grão de milho

ALGUNS rapazes encontram-se na eira de pedra, estendendo o milho para que ele seque e fique pronto a ser moído.

Apanho um grão e fico olhando para a semente pequenina. Uma igual foi enterrada no campo, lançou raízes, ergueu uma haste e nela surgiram as folhas e uma espiga onde este pequenino grão cresceu.

Ao grão colocado na terra Deus concedeu-lhe o poder de se criar a si próprio. E na minha mão está outro grão que pode efectuar idêntica realização.

Deus também dá ao homem a aptidão para crescer ao longo da vida. Deus não é um fabricante de seres acabados, mas criador, dando a todos os seres as forças precisas para se criarem a si próprios. Ele ama o homem e o modo de Deus o

amar é dar-lhe a capacidade de crescer, de se desenvolver a si mesmo.

A educação do homem tem que ser entendida à luz de Deus Criador. Assim como a semente lançada à terra é capaz de crescer se estiver em terra fértil, for regada, receber sol e cuidados, também o ser humano cresce saudavelmente se lhe proporcionarem um bom clima familiar e social. A educação não é fazer tudo nem dar tudo aos filhos ou aos súbditos, mas colocá-los no sítio certo, dar-lhes oportunidades e deixar que sejam eles a andar na vida. Caso contrário, atrofiam-se e estiolam.

O grão de milho que tenho na mão, colocado na terra boa, terá oportunidade de ser ele próprio a dar uma espiga; se ficar aqui na minha mão ou no celeiro não crescerá.

Educar os filhos é fazer-lhes saber que desejamos vê-los crescer, responsabilizando-os pelo seu próprio caminho.

O Fernando é um rapaz muito limitado. Apesar disso entregámo-lhe a tarefa do viteleiro. É ele quem prepara o leite e coloca o grão e o feno diante dos vitelos. Este rapaz mentalmente é uma criança. Mas tem crescido imenso com este trabalho simples, mas de certa responsabilidade e que ele assumiu. Posso dizer o mesmo a respeito de tantos outros rapazes e doentes que temos acolhido.

Deus ama-nos e por isso nos quer senhores da nossa própria vida. Amá-lo é corresponder ao Seu desejo, criando-nos a nós próprios de modo correcto e saudável.

Há tantos seres humanos que ficam atrofiados porque permanecem ao colo dos pais ao longo da vida. O amadurecimento tardio ou a falta dele por parte das gerações novas, hoje em dia, tem aqui uma das fortes razões.

Padre Baptista

BENGUELA

Cuidamos dos alicerces de uma Angola nova

ESTOU a escrever no primeiro dia do Advento. É o tempo da preparação próxima para a Festa do Natal. Há muito tempo que o *écran* da televisão mostra a fatura dos bens de consumo mais refinados que os supermercados põem à disposição dos clientes. São minoria absoluta os que têm acesso a esta fonte. Há um abismo profundo entre os poucos que têm muito e a multidão que pouco ou nada tem. Parece uma linguagem demagógica, mas é a realidade vivida na sociedade angolana do presente. É impressionante, de igual modo, o anúncio de espectáculos dispendiosos, em

contraste escandaloso com o maior espectáculo de Angola: o das multidões famintas, nuas e doentes, à espera da morte desumana.

Há um abismo profundo, sim, que separa os filhos da mesma terra Mãe! A guerra é outra, que não a das armas. É a violência pacífica da justiça social a exigir austeridade e contenção nos gastos supérfluos dos indivíduos e das instituições. São membros da mesma família. São filhos da mesma Pátria.

É verdade que a Caridade não conhece fronteiras. Contudo, os que vivem debaixo do mesmo tecto têm obrigações acrescidas. Os de dentro sejam os pri-

meiros a dar a mão. É um encargo nosso; de cada um de nós. Não podemos nem devemos ir chamar, só e em primeiro lugar, créditos e valores estangeiros.

Sem dúvida, é necessária e urgente a ajuda de todos os quadrantes. Se faltar, entretanto, no terreno, o suporte humano sacrificado e comprometido, as ajudas nunca chegam e desaparecem como a água na areia.

Todos os dias, as notícias dão conta do regresso das populações às suas terras de origem. É uma vida nova que começa. Na hora do arranque não pode faltar o apoio local de todas as forças vivas até caminharem pelos seus próprios meios. Para a Igreja é

também uma ocasião decisiva para a sua credibilidade como Mãe que ama e serve todas as pessoas que precisam da sua ajuda. A escolaridade das crianças e adultos está entre as suas prioridades. Esta vertente da vida das populações ocupa uma parte importante dos nossos afazeres. É um combate de todos os dias. Vivemo-lo dentro da nossa Casa. Os resultados do ano lectivo, agora no fim, não foram, no geral, animadores. Estamos a construir o homem novo. É um parto doloroso. É preciso inventar caminhos certos que levem à meta. Nesta hora em que vos escrevo, já nas férias escolares, os grupos dos reprovados estão ocupados em expli-

TRIBUNA DE COIMBRA

Aproxima-se o Natal

Apassos largos, aproxima-se mais um Natal. O Advento introduz-nos no espírito desta festa cristã, mas projecta-nos para fora dela: Jesus, que já veio, continua a vir — a bater à porta dos nossos corações — virá na consumação efémera das nossas vidas e dos séculos futuros.

É um movimento nascido de dentro, da contemplação do mistério, bem ao contrário de um outro, pautado pela exterioridade, cujos contornos mais preciosos se evidenciam no consumismo e na insatisfação, sem mistério nem surpresa.

Somos de novo confrontados com a novidade de Deus face à nossa história. As palavras sucumbem de novo diante do mistério, pois Deus se tornou *Deus Connosco* — Emanuel. Inefável, este mistério e cheio de luz.

Mas, só os corações pobres e desprendidos podem alcançá-lo através da fé e da adoração.

Como Maria, a Mãe do Advento, a Virgem Puríssima cheia de Graça e de maternidade.

Como os profetas, homens da Esperança, que viram ao longe o que os nossos olhos de perto contemplaram.

Como os pastores, criaturas de olhar puro e simples, cheios de generosidade, receptivos aos movimentos da história, conhecedores, também, da insofismável malícia dos homens.

Não! Não nos iremos quedar como crianças insatisfeitas diante dos presentes nas montras nem adormeceremos junto dos campanários à espera que o galo cante... Iremos pensar nisto: toda aquela Luz vem de outra luz, a Luz Divina. Os homens não terão paz se mais uma vez ela não voltar a espelhar em seus corações, por ser Natal.

Padre João

cações a fim de saírem do buraco em que caíram. Cuidamos dos alicerces duma Angola nova. Levamos tanto mais ânimo quanto sabemos que nos acompanhais com as vossas ajudas, na rectguarda. Temos a certeza.

Não queremos que voltem para a rua, sem armas de defesa que estão na sua formação humana e profissional, aqueles que vieram da rua. É uma dor grande perder-se, e pouco tempo, o esforço de longos anos.

Acredito, contudo, que, quando semeamos por amor, a sementeira nunca se perde de todo. O ideal é tomarmos os filhos da rua como nossos e acompanhá-los até ao lar que venham a construir. O mistério da liberdade humana, porém, deixa-nos confundidos, muitas vezes. E o Ideal que ilumina o nosso trabalho não é atingido sempre. Continuaremos a servir neste sentido.

Padre Manuel António